Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48, ago. a nov. 2023 – ISBN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

PODER NEGRO

Enock da Silva Peixoto[1]

RESUMO: O presente texto é um experimento. Parte de alguém que analisa há muito tempo, a imprescindibilidade de gestarmos filosofias a partir do Brasil. Ela existe, mas basta pesquisarmos as grades dos cursos de Filosofia para evidenciarmos a depreciação dela em detrimento das temáticas filosóficas oriundas de pensadores/as estrangeiros. Não significa que aqueles/as devem ser deixados de lado, pois continuam sendo relevantes e ajudam a formar um pensamento autóctone, embora os utilizando como "material de pesquisa",conseguimos criar a partir deles, instrumentais específicos para refletir sobre a cultura brasileira. No entanto, é urgente buscar veias, caminhos pelos quais possamos ruminar questões genuínas de nossas terras. Evitar e lutar contra um "pensamento colonizado" é imperioso, por isto, dentre diversos percursos, entendo que como um corpo negro é necessário pensar a partir deste lugar: o da negritude; com o amparo de diversos pensadores e pensadoras e, ainda, de construções sociais negras que são aportes efetivos para a formação de nosso país. O texto abaixo partirá de dois movimentos básicos: analisará o pensamento negro como um poder combativo frente às forças que esse grupo precisa criar para sobreviver às diversas formas de violência impressas em nossas existências; por outro lado, o poder propositivo, criador, que emerge da aura enegrecida que marca o país e ajuda a dar forma a um modo de vida tipicamente nosso.

Palavras-chave: poder negro, negação, afirmação

RESUMEN: Este texto es un experimento. Parte de alguien que ha analizado durante mucho tiempo, la indispensabilidad de desarrollar filosofías de Brasil. Existe, pero basta buscar en las grillas de los cursos de Filosofía para mostrar su depreciación en detrimento de los temas filosóficos provenientes de pensadores foráneos. No quiere decir que deban dejarse de lado, ya que continúan siendo relevantes y ayudan a formar un pensamiento autóctono, aunque utilizándolos como "material de investigación", logramos crear a partir de ellos, instrumentos específicos para reflexionar sobre la cultura brasileña. Sin embargo, es urgente buscar venas, caminos por los cuales podamos reflexionar sobre cuestiones genuinas de nuestras tierras. Evitar y luchar contra un "pensamiento colonizado" es imperativo, por eso, entre varias vías, entiendo que como cuerpo negro es necesario pensar desde este lugar: el de la negrura; con el apoyo de varios pensadores y también de construcciones sociales negras que son aportes efectivos a la formación de nuestro país. El texto a continuación partirá de dos movimientos básicos: analizará el pensamiento negro como poder combativo frente a las fuerzas que este grupo necesita crear para sobrevivir a las diversas formas de violencia impresas en nuestras existencias; por otro lado, el poder creativo y decidido que emerge del aura ennegrecida que marca el país y ayuda a dar forma a una forma de vida que es típicamente la nuestra.

Palabras clave: poder negro, negación, afirmación

[1] Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

1. INTRODUÇÃO

Depois de ter dedicado grande parte da minha vida pesquisando autores/as europeus, dentre eles, uma dedicação mais intensa aos estudos das teses do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, confesso que sempre senti a necessidade de "pensar o Brasil" do ponto de vista filosófico; desse modo, quais caminhos deveria percorrer para aplacar esta difícil empreitada, já percorrida por tantos outros atores? É um desafio, mas, venho colocar no papel algumas ideias, ainda insipientes, que não pretendem ser inovadoras, sobre a questão da negritude. A escolha por este complexo objeto pode ser avaliado de diversos ângulos, mas aprendi com Nietzsche que devemos "ouvir" a voz do corpo, aquelas potências que nos movem de modo mais intenso para, a partir daí, produzir filosofia. Essa nasce da fisiologia, das vísceras, das entranhas. No entanto, pensar um corpo negro que reage e cria talvez seja uma chave de leitura a partir da qual possamos gestar uma veia de acesso a um pensamento negro.

No contexto de discussão supracitado, um prezado amigo discordou de mim diante da questão se há uma filosofia ou um pensamento negro no Brasil. A sua argumentação partia de um princípio honesto, lógico: o que existe é o pensamento, essa é uma força

que emerge do ser humano e não faz sentido categorizar, particularizar a filosofia ou o pensamento a um determinado grupo específico. A minha resposta adveio de algo que esse, assim como outros grupos humanos: índios, mulheres, estrangeiros, latinos, asiáticos, homossexuais ou qualquer grupo de especifique a "diferença" são tratados de forma desigual, "periférica", logo, tal fato, exige uma filosofia também específica, que responda às necessidades e exigências oriundas desses corpos. No caso negro, tal como comenta Magobe Ramose: "os africanos resistiram à filosofia colonial de degradação. Eles lutaram, e continuam lutando, para afirmar seu estatuto ontológico de seres humanos, assim como qualquer outro ser que reivindique o título de ser humano".[2] Mesmo a categoria humanidade, por causa da cor da pele, gerou uma percepção sobre este grupo que os colocou em um lugar inferiorizado, o obrigando a lutar por algo que deveria ser natural, o fato de ser gente; eis uma, dentre tantas outras razões que exigem que se pense o problema negro a partir de suas questões próprias e não a partir de teses, conceitos ou avaliações universalistas. Dito isto, retomo a questão se há pensamento negro ou apenas pensamento no sentido geral. Entendo que essa questão de um pensamento negro, pode ser avaliada a partir do poder que emerge desses corpos, primariamente de duas formas: a primeira parte da questão: o que fizeram de nós? O que provocaram em nós? Quais foram as circunstâncias objetivas que nos marcaram e conduziram a determinados modos de sentir a vida? Esse ponto de partida para se pensar o pensamento/filosofia negra parte de uma perspectiva negativa, reativa. Emerge do poder que brota do enfrentamento.

Seria verdade que há apenas pensamento humano e não o pensamento particular de um determinado grupo se esse não vivesse historicamente situado com um signo segregacionista. Existe um embate externo ao corpo negro que exige dele renitência, notadamente por causa da pigmentação de sua pele. Na própria história da filosofia existe relatos de pensadores que reverenciamos e deliberadamente contribuíram para acentuar essa postura discriminatória baseada na dualidade, pele negra/branca, tal como Kant: "[...] Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores"[3] Posturas como essa exigiram da negritude relutância; foi propositiva: os negros/as reagiram a comportamentos, visões, perspectivas, preconceitos. Trata-se de uma atitude combativa diante de circunstâncias que prejudicaram e prejudicam tais indivíduos.

Outro aspecto é a negação da negação, isto porque, das diversas formas de agressão impostas a este grupo de pessoas, estes, por razões diversas acabaram e acabam absorvendo o discurso da branquitude, uma ação contra o próprio corpo, as próprias raízes, uma incorporação das armas do opressor contra si mesmo. Tal como afirma Haddock-Lobo, comentando Rufino e Simas: "O carrego colonial", [...] "pode ser lido na interlocução com o que Frantz Fanon chamou de colonialismo epistemológico ou complexo do colonizado, a noção em que a vítima interioriza em si a violência e os pressupostos ideológicos do colonizador".[4] Neste aspecto, há um pensamento que nasce

[2]RAMOSE, Mogobe, 2011, p.08.
[3]KANT, I. 1993, p. 75-76.
[4]SIMAS Luiz Antonio e RUFINO Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, pág. 21.

do corpo negro tanto para reagir às diversas violências físicas e simbólicas que recebemos; aquele pensamento forjado na dor, no sofrimento que visa revelar, desmascarar as diversas formas de anulação da vida negra em nosso país. Por outro lado, aqueles corpos que repetem de diversos modos o discurso e o comportamento patriarcal, ou seja lá qual for o conceito universalista utilizado, neste último caso, não é propriamente um pensamento negro, pois nasce de corpos que em alguma medida assimilaram o sentimento escravocrata.

Outro modo de situar o pensamento negro é avaliar as diversas modos de criação, de reelaboração da vida que nasce desses corpos. Trata-se da forma criativa, inventiva e inovadora, determinantes para a formação de nosso país e junto com outras forças como a presença da cultura popular, dos movimentos feministas, da força da cultura indígena..., não é possível pensar a originalidade brasileira. Portanto, o que estamos buscando argumentar até aqui é que podemos sustentar um pensamento negro por duas vias: aquela negativa, que emerge do que fizeram de nós e uma propositiva, afirmativa que emerge da capacidade criadora e inventiva da negritude que tanto a partir da dor, como a partir da capacidade inventiva é capaz de produzir o novo. O Brasil é negro, isto não significa apenas afirmar uma superioridade numérica, que como sabemos, não estabelece quase nenhuma vantagem na prática. O nosso país é negro porque a aura preta perpassa a nação, tanto como uma ferida da senzala continuada escancarada nas entranhas nacionais; como a sua permanência na cultura, nas artes, nas manifestações populares, no trabalho na construção civil, nas lavouras, na atividade doméstica, nas universidades, nas ruas; espaços nos quais esses corpos contribuem de forma efetiva para a formação deste solo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A filosofia negra, revela o poder negro

O presente texto parte então de avaliações, questões, teses que contém uma "filosofia marginal" como norte, isto não significa, entretanto que desprezamos o centro, como afirma Rafael Haddock Lobo: "Não se trata de negar nossas heranças europeias, nossas heranças do pensamento ocidental que também nos constituem. Por esse motivo, não estamos propondo uma destruição dessa herança, mas um reconhecimento e uma assunção das nossas outras heranças".[5] O conhecimento eurocêntrico também está inserido em nós; no entanto, estamos geograficamente localizados à margem do mundo, considerando que atualmente o centro ainda é a Europa Central e os EUA; somos colocados nessa condição de espoliados e tratados como "quintal do mundo"; neste contexto, no campo do pensamento é muito comum que os estudos de filosofia sejam importados. Fazer filosofia é reverenciar as teses, temas, pensadores e pensadoras do centro do mundo. Biteti e Moraes constroem uma concepção reativa a este movimento ainda dominante na percepção coletiva e, considero, que também no estudo de filosofia e

[5]HADDOCK-LOBO, Rafael.*O Genero das ruas,* Em: https://hhmagazine.com.br/os-generos-das-ruas. dezembro de 2019.

na produção filosófica no Brasil; os autores propõem um pensamento que nasce e se desenvolve nas margens, na periferia e assim asseveram:

> O centro como limite não é, para nós, o que define o ser da periferia, porque nenhum limite pode reter a transgressão. Portanto não há um corte definido pelo limite do centro: a periferia é ser da diferença. A periferia como transgressão é que contesta o centro, não no sentido de negá-lo, mas de colocá-lo em seus limites. Se há uma potência transgressora da periferia, das vidas e dos saberes periféricos, não podemos esperar que se configure como forma.[6]

Existe filosofia autóctone evidentemente, mas uma das temáticas mais intensas do pensamento brasileiro é exatamente se há um pensamento brasileiro! Desse modo, consideramos que se torna pertinente que avaliemos seriamente essa questão: o que é a filosofia no Brasil. Concordamos com os autores/as que sustentam que ela emerge do povo, das manifestações culturais mais genuínas nascidas dos corpos brasileiros, dentre eles, a marginal corporeidade negra e sua capacidade de elaborar modos de vida, impressas nas entranhas do país de modo tão preciso. A periferia, este lugar que precisa ganhar forma a partir de si mesma e não pelas determinações do centro, tem como uma de suas lutas mais intensas a reação contra uma circunstância histórica, contra uma mentira branca que conforme Abdias Nascimento precisa ser desmascarada:

> Durante séculos temos carregado o peso dos crimes e dos erros do eurocentrismo 'cientifico', os seus dogmas impostos em nossa carne como marcas ígneas da verdade definitiva. Agora devolvemos ao obstinado segmento 'branco' da sociedade brasileira as suas mentiras, a sua ideologia de surpremacismo europeu, a lavagem cerebral que pretendia tirar nossa humanidade, a nossa identidade, a nossa dignidade, a nossa liberdade. Proclamando a falência da colonização mental eurocentrista, celebramos o advento da libertação quilombista.[7]

Mesmo que se queira e já se tentou apagar de diversos modos a força da aura negra que perpassa a nação, isto não é possível, pois a negritude nos constitui. Mesmo pessoas brancas indiferentes ou até adversárias da luta preta são marcadas pelo poder negro que nos atravessa. Uma das formas de pensar essa força é compreender de que modo esse poderio ronda a brasilidade. Anteriormente destacamos que por dois caminhos, uma força que surge da negação, daquilo que fizeram de nós ou do que nós construímos a partir das violências marcadas na fisiologia negra. A outra é como forças propositivas e criativas mantém a vida negra. Nas duas seções a seguir buscaremos continuar essa análise.

2 .2 O poder forjado na dor

A história dos/as negros/as no Brasil é marcada pelo sofrimento; para além das desumanidades da escravidão há uma espécie de *senzala continuada* que segrega

[6]BITETI, Mariane e MORAES, Marcelo José Derzi. *Vidas e saberes periféricos como potências transgressoras*. Revista de Investigación en Geografía/ Universidad Nacional Autónoma de México, año 1, núm. 2 / julio-diciembre de 2019 / pp. 79-96.
[7]NASCIMENTO, Abdias, 2019, pp.287-288.

continuamente tal grupo social de forma clarividente. Dessa violência surgem resistências, as lutas objetivas como a Revolta dos Malês, O Movimento Quilombola, O Movimento Negro contemporâneo e talvez, mais importante do que tudo isto, a resistência cotidiana, invisível, que acontece diante de cada agressão sofrida. Para o/a negro/a, combater, praticamente todo o momento o racismo, a discriminação não é uma escolha, é uma necessidade, trata-se de uma busca política pela liberdade. No entanto, se é política é prática, é combativa, parte de lutas reais, neste sentido, concordamos com a tese de Lorena Silva Oliveira:

> Conquanto, essa liberdade não é de cunho metafísico ou moral. A liberdade ambicionada é uma liberdade de natureza política, pois mesmo após a independência nos países africanos e a abolição da escravatura nas diásporas, devido ao racismo estrutural, o sistema político e econômico continua desumanizando, escravizando e tutelando política, econômica e ideologicamente a população africana no mundo, ou seja, continua nos mantendo colonizados.[8]

A liberdade negra perpassa necessariamente por uma guerra concreta, pois as armas estão simbolicamente e realmente apontadas para estes corpos cotidianamente, os chicotes permanecem açoitando sem piedade, por isso, a liberdade não pode prescindir de um embate constante, pois ela, efetivamente, nas suas diversificadas expressões, não existe para este grupo. Neste sentido, estamos utilizando a palavra poder como sinônimo de força movente; a filosofia negra é uma questão de potência que emerge de um corpo assolado, humilhado, que para resistir precisa batalhar, lutar, caso contrário já estaria eliminado; a eugenia completa já teria acontecido há muito tempo. Se ainda existem corpos negros persistindo em existir isto é fruto de uma ousada tenacidade.

Na conjuntura das reflexões que estamos desenvolvendo, entendo que podemos fazer uma analogia com a concepção de *arenização*, trabalhada no texto: “O Maraca era nosso: o futebol em tempos dearenização”, de Adriano Negris; com o qual podemos estabelecer uma proximidade com a situação da comunidade pobre, pois, no caso destes ocorre uma espécie de “arenização da vida”, ainda mais se este corpo condensar em si o fato de, além de pobre, ser negro e, ainda pior, feminino ou homossexual; há uma maldade institucionalizada da consciência escravocrata que ataca com toda força, qualquer tentativa de liberdade, de criação de alegria desses corpos: eles precisam ser continuadamente humilhados. Negris, comentando o processo de transformação do Estádio do Maracanã, onde havia um espaço para os pobres: a *Geral,* que gerou uma identidade cultural para o futebol carioca, destaca a sua súbita eliminação e transformação em um espaço predominantemente de classe média e branca:

> Quem foram os excluídos na arenização do Maracanã? Ora, os mesmo que são excluídos nos processos sociais da vida na cidade. Os excluídos formam a classe dos indesejados na sociedade, obviamente os pretos, pobres, favelados, marginas, vagabundos, a mão de obra barata. Esses são os corpos interditados no novo Maracanã. O efeito prático da arenização é a “formação de muros” para que esses indivíduos não acessem o estádio. Outras práticas são adicionadas a essa clivagem social: o elevado custo no

[8]OLIVEIRA Lorena Silva. O quilombismo: uma expressão da filosofia política afroperspectivista. Revista internacional de filosofia, v. 10, p. 128-146, 2019.

> preço dos ingressos, o aumento do número de transmissão televisiva das partidas por sistema pay-per-view, restrição severa quanto ao formato das torcidas organizadas, jogo com torcida única, entre outras medidas que determinam quem pode e quem não pode entrar no novo Maraca. Dito por outras palavras, a arenização é uma política do fazer entrar e deixar de fora.[9]

O objetivo é matar as formas de vida que estes marginalizados são capazes de elaborar, mesmo numa vida social e econômica demasiadamente limitada no aspecto social; trata-se da tentativa de os tornar inférteis, assim, para Negris: "Arenizar é comumente compreendido como o processo de formação de bancos de areia no solo. Nesse fenômeno ocorre uma inundação de areia sobre o solo, tornando-o infértil".[10] Lembro-me perfeitamente da época da *Geral* do maracanã, lugar onde os pobres apareciam, muitas vezes mal vestidos, desdentados, com o rosto específico da massa pobre da cidade; quase sempre com muita criatividade, nos cantos, nas provocações das torcidas, nos personagens que constantemente apareciam, mostrando duas fases dolorosas para o dominador: essa gente, apesar de todo o sofrimento imposto, consegue resistir, em alguma medida é feliz e, pelo lado contrário, eles evidenciam com a máxima clareza a desigualdade absurda do país; uma das nações mais ricas do mundo, não consegue distribuir renda adequadamente. A *Geral* evidenciava a usura da classe dominante brasileira, logo, precisou ser morta, abafada, inviabilizada; "Dizer que a Geral do Maraca foi destruída e soterrada dentro do próprio estádio é o que pode ser verificado com os olhos de ver. Mas e quanto aquilo que os olhos não podem ver? O que falar?".[11] Dentre tantas coisas que se pode falar salientamos que aqueles indivíduos inventaram modos originais de torcer e tinham ali um breve momento de alento para o seu sofrimento cotidiano; eram, na sua maioria afrodescendentes, pessoas pobres das comunidades da cidade. Ao invés de criar políticas públicas para que tais vidas pudessem viver dignamente, a ação foi escondê-las; impedir o seu acesso a uma das manifestações mais populares do Brasil. A *arenização* de um estádio é outra chave de leitura que evidencia como os pobres são tratados, como indignos de alegria, empurrados a uma não existência. É importante sempre acentuar que se trata de uma maioria negra. Nos jogos da Copa do Mundo de 2014, um dos assuntos mais comentados foi exatamente este: os estádios de uma das nações mais negras do mundo embranqueceram. A elitização deste campo vital da cultura brasileira implicará, é o que tudo indica, no seu inevitável empobrecimento ou na morte de sua beleza artística.

As expressões de "racismo cotidiano" tem ocorrido com uma das manifestações mais infelizes utilizadas atualmente para menosprezar e diminuir uma luta, dentre outros, o termo "mimimi" é ilustrativo; parte da ideia de que se trata de alto piedade, de grupos e indivíduos que lamentam a sua situação de subalternização, considerando-se, se tratar de falta de força interna para lutar por dias melhores, suprimindo que o embate não é justo para a maioria das pessoas, que no embate social não são as mesmas armas que são utilizadas. Esse termo infantilizado, paupérrimo do ponto de vista linguístico pode ser

[9] NEGRIS, Adriano, 2020.
[10] Ibidem.
[11] Ibidem.

falseado com facilidade pela história negra. A realidade evidencia que não se trata de uma fraqueza da negritude que teria se deixado escravizar sem lutar ou se mantém em uma situação econômica e social desfavorável porque é, em alguma medida, incompetente. Assim, os saberes negros, por exemplo, são desqualificados ou apropriados e quem detém o poder e "os modos de produção" desdenha a potencialidade negra presente na herança africana. Em "A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica", Marcelo Moraes, comentando Mogobe Ramose destaca esta questão:

> Em outras palavras, a história do Ocidente é a história de um epistemicídio em relação às culturas não-ocidentais. O epistemicídio, para o filósofo da África do Sul MogobeRamose (2011), é o assassinato das mais diversas maneiras de conhecimentos e modos de agir dos povos africanos colonizados, que contribuiu para a neutralização e o esquecimento de tudo aquilo que não constituía a moral cristã e razão ocidental fora da Europa. Desde as práticas e modos de vidas sociais até as ciências, religiões e artes foram neutralizadas por todas as tentativas de fazer com que os africanos, indígenas e "orientais" engolissem discursos éticos constituídos pela ética ocidental.

Neste caso, um filosofar negro não emerge apenas do *espanto*, da admiração com algo, mas brota dos saberes negros e de como eles são apropriados ou desqualificados. Além disso, as marcas inseridas pela violência no corpo negro geram um pensamento que precisa ser combativo, pois nasce da reação, desse modo, uma filosofia nestas condições, oriunda deste campo de batalha precisa ser "uma filosofia prática", que emerge das circunstâncias, da vida. Lembro-me de uma ocasião em que fiz um encontro com estudantes de filosofia de outros países e, no momento em que íamos arrumar as malas no carro, eu fui arrumando-as imediatamente, "sem pensar metodicamente"; um dos participantes, estudante de Kant e italiano ficou horrorizado: "mas como você está arrumando as malas sem planejar antes, sem organizar as maiores, as médias e as menores, calcular o espaço etc; na cabeça dele eu estava fazendo aquilo de maneira totalmente aleatória, o que poderia gerar em algum momento algum equívoco, ou seja, as malas simplesmente não caberiam. A minha resposta foi: eu penso em português e deveria ter dito, em brasileiro, pois para nós, pensar e agir simultaneamente é uma necessidade, a maioria do povo não tem tempo de criar um plano de vida; é necessário viver pensando, pensar na medida em que age, o ócio é geralmente um luxo para poucos. No final, evidentemente, as malas couberam sem nenhum problema. Eu deveria ter dito ainda: nós fomos colocados nessa condição também por culpa de vocês, colonizadores europeus que ufanaram as nossas riquezas e continuam ufanando e resta para a maioria do nosso povo, uma luta constante pela sobrevivência. Este episódio cotidiano ajuda a pensar que uma filosofia brasileira consiste, a nosso ver, um pensamento que emerge do viver, do fazer, do movimento, da atividade. A maioria de nós não tem o luxo para pensar a partir de um gabinete. Isto é, de certo modo, diante do contexto acima descrito, uma imposição.

A realidade, a luta pela sobrevivência compele a tal circunstância, mas ela pode conter uma questão propositiva, pois se assemelha a movimentos da tradição filosófica que privilegiam um pensar transeunte, que emerge do devir, da ação, tal como em

Heráclito, Nietzsche, Krenak, Benjamin, Sueli Carneiro, Freire... A filosofia brasileira precisa emergir diretamente da existência, do pulsar efetivo da vida do povo, do esforço dos pensadores e pensadores em refletir e teorizar sobre o que é a manifestação daquilo que podemos considerar como genuinamente brasileiro. Não temos a liberdade de viver ociosamente para filosofar, contemplar a arte sem nenhuma outra razão que não seja o prazer da contemplação, como defendiam e viviam os povos gregos arcaicos; a nossa arte é uma vida em movimento, esse modo de pensar ativo parece ser a marca genuína da brasilidade, não foi por acaso que este povo inventou o samba, a capoeira...

2.3 O poder negro como afirmação

Considerando as análises realizadas anteriormente, de que um pensamento negro emerge dos desmandos e violências que são impostos a esses corpos é possível considerar que o determinante para o negro/a pensar está fundado numa influência externa a ele. O que moveria um pensamento negro não seria a força que emerge do próprio, mas de provocações alheias, sendo deste modo, um pensar que implica em não determinação. Ponderamos que essa possível crítica a um pensamento negro reativo, de que este não nasceria da originalidade desses corpos, pode ser combatida com a concepção de que essa reação perpassa pelo corpo negro, este a reelabora, a transforma em vivência singular. Essa percepção é transformada em outra coisa, diferente inclusive daquilo que o ato de preconceito ou discriminação pretendia provocar. É algo específico, que tem como motivação a pigmentação da pele, quem provoca essa ação pode ter uma determinada pretensão, no entanto, o que ela provoca e como atinge o corpo negro não pode ser claramente determinado; se gera raiva, aceitação, impulso para reagir, indiferença e outras possíveis sensações é, em qualquer caso, a subjetividade negra que está gerando um modo de ser, de pensar.

É possível e verdadeiro considerar que muitos negros/as são cooptados pelo discurso, pensamento, modo de vida do patriarcado branco; cometendo contra si e contra os demais negros a violência mais intensa que é negar a si mesmo. No entanto, para além dessas influências externas ao negro/a, existem aquelas criações propositivas, que emergiram diretamente de sua criação. Destacaremos, de forma breve, apenas dois desses caminhos: o movimento de Palmares e o quilombismo dele oriundo e aspectos das religiões de matriz africana, temas amplos que serão estudados com detalhamento no futuro próximo, mas no momento, servem para evidenciar este poder de criação e recriação de si do povo negro.

Segundo Abdias Nascimento: “Em toda a história dos africanos no Novo Mundo nenhum acontecimento é tão excepcional quanto aquele que se registra no século XVI: a República dos Palmares, verdadeiro estado africano constituído no seio das florestas de Alagoas por rebeldes e fugitivos escravos”.[12] Palmares, como sustenta o autor foi uma criação negra de elevadíssima propositura, não evoluiu para além dos cem anos de vida

[12]NASCIMENTO, Abdias, 2017, p.72.

porque os poderes instituídos não poderiam deixar crescer uma semente que viesse a formar uma situação na qual o seu controle e dominação fosse destruído; mas eis um, dentre tantos outros exemplos, da capacidade e esforço negro em criar, inventar formas de vida pautadas em outras bases, mais solidárias e comunitárias, um exemplo de economia política que serve de norte até hoje, frente a uma sociedade que está se sufocando no extremado individualismo.

Ainda conforme Nascimento, "A finalidade básica do Estado Nacional Quilombista é a de promover a felicidade do ser humano. Para atingir sua finalidade, o Quilombismo acredita numa sociedade de base comunitário-cooperativista no setor da produção, da distribuição e da divisão dos resultados do trabalho coletivo".[13] Em um espaço social onde a vida torna-se negócio, tal como a sociedade capitalista gerou, onde o lucro se sobrepõe sobre a existência humana e da natureza, o Quilombo não é apenas uma lembrança derrotada e melancólica de um passado, que infelizmente, mais uma vez não deu certo, assim como muitas lutas populares no Brasil, que terminaram abafadas e mortas, mas trata-se de um sentimento, de um horizonte, que em alguma medida ainda perdura em muitos quilombos atuais e são exemplos de que outras formas de vida existem paralelamente àquela determinada pelo neoliberalismo e são um constante desafio aos mesmos, não somente do ponto de vista da economia real, mas também como alternativa a outros modos de pensar e sentir o mundo. Para Lélia Gonzales:

> Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido de criação de uma sociedade democrática e igualitária, em termos políticos e socioeconômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança da figura genial de Zumbi, ali existiu uma efetiva harmonia racial já que sua população, constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios reverteriam para todos, sem exceção.[14]

O Quilombo tanto de Palmares quanto os diversos outros que ainda perduram no Brasil e as suas extensões nas diversas comunidades negras são um dos diversos espaços de resistência, lugar de afirmação e onde reverberam horizontes demonstrativos de que outra forma de vida é possível e ainda mais urgente, diante de uma constante degradação da natureza e da vida humana, necessária.

Outro aspecto que mostra a potência criativa negra são as religiões de matriz africana e neste contexto, destacamos as afirmações de Rafael Haddock-Lobo:

> Macumba como o nome na esfera da cultura que se dá às práticas religiosas afro-ameríndias, como os candomblés, as umbandas, os batuques, os catimbós, as juremas, os tambores de minas, mas também às capoeiras, aos sambas de roda, aos fundos de quintal, aos jongos e a todas as rodas que promovem outras epistemologias, populares e que são, por isso mesmo, revolucionárias.[15]

Destaco uma personagem da religiosidade brasileira muitíssimo controversa, porque provocativa, que é Maria Padilha. Ela atua como força negra que perpassa uma

[13]NASCIMENTO, Abdias, 2019, p.305.
[14]GONZALES, Lélia, 2018, p. 37.
[15]HADDOCK-LOBO, Rafael. *A gira macumbística da filosofia.* Revista Cult, Edição 254, 2020.

reação ao que está estabelecido. Ela é mulher, é amoral, zomba das construções humanas mais tradicionais e, por isso, é fruto de temor, de preconceito, de desordem e desarmonia. Lembra o deus Dionísio da Grécia arcaica, estrangeiro, despedaçado, no entanto foi incorporado pelos gregos na tragédia, mas é pelo menos subjetivamente entendido como masculino, embora tivesse a face feminina presente. Maria Padilha por sua vez, a divindade brasileira da desordem é mulher, totalmente outra. Ela vem demarcar, ser contrária, desprezar um modelo de vida no qual a submissão durante séculos foi normalizada, então, é símbolo da subversão, sinaliza a independência contra controle masculino:

> Desse modo, aquele "mal costume" da Padilha ao qual o ponto se refere, o debater com o pé e sair andando, nos mostra que sua tinha consiste em andar por aí sem medo, seguir sua estrada sem fim e só fazer o que quer, na hora em que quer, sendo o padilhamento, portanto, a operação simbólica através da qual o corpo feminino empadilhado não se submete mais à ordem e às hierarquias, que, como bem sabemos, são sempre masculinas.[16]

Maria Padilha, apesar de suas representações imagéticas como uma mulher branca é outra chave de leitura para uma filosofia negra, por integrar uma religiosidade de origem negra; ela não opera no campo das categorias, das formas ou conceitos claros e distintos, vem didaticamente, como uma cínica dos trópicos zombar do modo de vida dominante, da moralidade que amofina os corpos e que deliberadamente visa os controlar, sobretudo os femininos.

> Diz o ponto que Maria Padilha tem um mal costume, pois quando a chamamos, chamamos várias vezes, e "ela bate com o pé e sai andando". Isso porque Padilha é aquela mulher que não tem medo; que quando juraram que a matariam na porta do Cabaré, ela passa a andar por lá de dia e de noite, dizendo aos quatro ventos que só não a matam por que não querem; Padilha é aquela que, quando encontrada sob o clarão da lua e perguntada onde é sua morada, responde que mora numa estrada sem fim, pois seu caminho é o de sempre estar em trânsito, transitando, transgredindo, transicionando, transando, libertando os corpos através de sua performance, em uma palavra: padilhando.[17]

Gera diversos tipos de sentimento, a reação contrária, esse modelo de mulher é nocivo, pois detona com o *modus vivendi* constituído, ou o sentimento de ressentimento, de inveja, pois essa figura desvela o que se gostaríamos ser: livres, ousados, independentes. De todo modo, Padilha é uma tipologia, um espelho, uma figura didática que mostra a um dos elos mais evidentes da corrente discriminatória, a mulher, tem um símbolo de libertação.

Os/as negro/as foram retirados de diversas regiões africanas em Navios Negreiros para outro espaço/tempo do mundo; vendidos pelos seus próprios conterrâneos, uma travessia marcada pela dor e pela violência que reverbera no corpo negro ainda. Uma das intenções do colonizador foi e ainda é, a tentativa de apagar os traços ancestrais, fazer com que a negritude fosse sem origem ou que o seu renascimento como povo estivesse

[16] Lobo, *O Genero das ruas*, Em: https://hhmagazine.com.br/os-generos-das-ruas. dezembro de 2019.
[17] Ibidem.

submetido ao modo branco de ser; no entanto, os negros/as souberam criar resistência, a diáspora não foi capaz de matar aquilo que a ancestralidade demarcara na corporeidade preta. As religiões de matriz africana que se reinventaram aqui, em terras tupiniquins, são um modo de retornar ao passado africano; ao mesmo tempo são potencias que impulsionam para o porvir, há lembrança, memória do passado deixado para trás, retirado de forma cruel, mas aqui, o negro teve que gerar perspectivas que sustentassem a sua continuidade na vida, gerando cultura.

3. CONCLUSÃO

Ousamos afirmar que aquilo que há de mais genuíno em nosso país, está demarcado, perpassado pela negritude, não apenas pela evidente circunstância história e factual da presença negra nessas terras, mas foi movido pelos diversos movimentos a partir dos quais desenvolveram-se, os terreiros, o samba, a alimentação, inúmeras manifestações da cultura popular. A questão a seguir é uma hipótese que precisa ser seriamente aprofundada, mas, entendemos que até mesmo as religiões cristãs pentecostais, um dos grupos que reagem e combatem com veemência as religiões africanas, contém, a nosso ver, um forte componente negro. Assim, como o pentecostalismo emergido nos subúrbios estadunidenses, para terem um espaço de ação negra e periférica naquele país; ao migrar para o Brasil, teve em suas manifestações de êxtase/transe religioso, a meu ver, uma retomada ancestral africana; mesmo que dentro de outro contexto, o poder negro continua se manifestando. O poder mítico ancestral, oriundo das forças primitivas pode até ganhar outra roupagem, até mesmo contrária a cultura negra, mas as divindades continuam vigentes, atuantes e por elas entendemos que é possível operar e gerar pensamento.

REFERÊNCIAS

BITET, Mariane e MORAES, Marcelo José Derzi. *Vidas e saberes periféricos como potências transgressoras*. Revista de Investigación en Geografía/ Universidad Nacional Autónoma de México, año 1, núm. 2 / julio-diciembre de 2019 / pp. 79-96.

GONZALES, Lélia. *Primavera para as rosas negras. Diáspora africana*: Editora filhos da África, 2018.

HADDOCK-LOBO. Rafael. "*A gira macumbística da filosofia"*, Revista Cult, Edição 254, 2020.

_____. *O Gênero das ruas*, *In:*HH Magazine: humanidades em rede.https://hhmagazine.com.br/os-generos-das-ruas, dezembro de 2019.

KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime:* São Paulo: Papirus,1993.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo.* São Paulo: Perspectiva, 2019

_____. *O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2017.

NEGRIS, Adriano. *O Maraca era nosso: o futebol em tempos de arenização.* Encruzilhadas Filosóficas. Organizado por Fábio Borges-Rosário, Marcelo José Derzi Moraes e Rafael HaddockLobo, Rio de janeiro, Ape'Ku Editora, 2020.

OLIVEIRA Lorena Silva. *O quilombismo: uma expressão da filosofia política afroperspectivista.* Revista internacional de filosofia, v. 10, p. 128-146, 2019.

RAMOSE, Mogobe. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana.In:*Revista Ensaios Filosóficos. Vol. 04, 2011.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, *Luiz. Flecha no tempo.* Rio de Janeiro: Mórula Editoria